



V FORPED PPGGOC - UFMG

Fórum de Pesquisas Discentes do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento

ISSN: 2965-4068

MODALIDADE: TRABALHO COMPLETO



Lílian Dominguez Santana
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-1074-4607>

liliandominguez.santana@gmail.com



Frederico Cesar Mafra Pereira
Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-1971-8069>

professorfredericomafra@gmail.com

CONHECIMENTO NO DOMÍNIO UNIVERSAL OU APENAS NO SUBJETIVO? uma análise da produção científica nacional e internacional

KNOWLEDGE IN THE UNIVERSAL DOMAIN OR JUST IN THE SUBJECTIVE? an analysis of national and international scientific production

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11235379>

Resumo: a Gestão do Conhecimento (GC) tem sido objeto de estudo na Ciência da Informação (CI); contudo, é necessário compreender qual a natureza do fenômeno conhecimento. Diferentes perspectivas podem incorrer em entendimentos distintos quanto à própria GC. **Objetivo:** Verificar como o termo conhecimento tem sido compreendido no contexto da relação entre GC e CI. **Metodologia:** revisão Sistemática da Literatura considerando para a análise artigos nacionais e internacionais recuperados por meio das bases de dados Scopus, Web of Science, Emerald Journals e BRAPCI. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva, de natureza qualitativa. **Resultados:** os achados incluem a identificação de duas abordagens, uma, preeminente nos estudos nacionais, que defende que o conhecimento existe apenas do domínio subjetivo e outra, predominante nos estudos internacionais, que considera o conhecimento também no domínio universal ou objetivo. **Conclusões:** enquanto a primeira perspectiva limita a GC à promoção de ambientes propícios ao compartilhamento; a segunda, que considera a natureza dupla do conhecimento (subjetiva e objetiva), amplia o escopo da GC reconhecendo os diferentes tipos de conhecimento e o importante papel de uma gestão intencional do conhecimento.

Palavras-chave: conhecimento; domínio universal; domínio subjetivo; revisão sistemática da literatura; StArt®.

Abstract: Knowledge Management (KM) has been an object of study in Information Science (IS); however, it is necessary to understand the nature of the knowledge phenomenon. Different perspectives can result in different understandings regarding KM itself. **Objective:** to verify how the term knowledge has been understood in the context of the relationship between KM and IS. **Methodology:** systematic Literature Review considering national and international articles retrieved through the Scopus, Web of Science, Emerald Journals and BRAPCI databases for analysis. This is descriptive bibliographical research, of a qualitative nature. **Results:** the findings include the identification of two approaches, one, pre-eminent in national studies, which argues that knowledge exists only in the subjective domain and another, predominant in international studies, which considers knowledge also in the universal or objective domain. **Conclusions:** while the first perspective limits KM to promoting environments conducive to sharing; the second, which considers the dual nature of knowledge (subjective and objective), expands the scope of KM by recognizing the different types of knowledge and the important role of intentional knowledge management.

Keywords: knowledge; universal domain; subjective domain; systematic literature review; StArt®.



1 INTRODUÇÃO

Apesar de o conceito de Gestão do Conhecimento (GC) ter surgido na Administração, transcendeu para outros campos (Oyedokun; Oyewumi; Laaro, 2018) e tem atraído profissionais de outras disciplinas, como a Ciência da Informação (CI) (Husain; Nazim, 2015). Alguns autores chegam a considerar a GC como o próximo estágio da CI (Dante, 2015; Husain; Nazim, 2015; Kebede, 2010; na-Lamphun; Lee, 2002; Oyedokun; Oyewumi; Laaro, 2018). Como afirma Kebede (2010), a interpretação, o avanço e a implementação da GC devem ser guiados pelos marcos teóricos e conceituais da CI em razão de sua expertise e experiência na gestão de dados e informações.

Definida como “o processo de criar continuamente novos conhecimentos, disseminando-os amplamente através da organização e incorporando-os velozmente em novos produtos/serviços, tecnologias e sistemas” (Takeuchi; Nonaka, 2008, p. 7), a GC tem por objetivo identificar o conhecimento útil e relevante, organizar, mesclar e sintetizar o conhecimento, transformar o conhecimento tácito em conhecimento explícito e estimular o uso criativo do conhecimento (na-Lamphun; Lee, 2002).

Zins (2007), contudo, alerta que é comum a concepção de que o conhecimento existe apenas na mente de uma pessoa (domínio subjetivo). Caso essa concepção estivesse correta, conforme o autor, não seria possível estudar sobre GC, ou mesmo Organização do Conhecimento (OC), na CI. Enquanto o domínio subjetivo é aquele que existe no mundo interno do indivíduo, como um pensamento; o domínio universal ou objetivo, corresponde ao mundo externo, como por exemplo, livros e artigos.

A inquietação de Zins (2007) motivou este estudo que tem por objetivo verificar como o termo conhecimento tem sido compreendido no contexto da relação entre GC e CI. A pesquisa é um recorte da tese (em desenvolvimento) a ser apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gestão & Organização do Conhecimento (PPGGOC) da Escola de Ciência de Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que ambiciona propor e validar um modelo de GC abrangente para a administração pública, considerando influenciadores, funções, processos e resultados da GC.



A identificação das diferentes perspectivas relacionadas à natureza do conhecimento possibilita a contextualização necessária para discussões relacionadas à GC na CI. Conceber o conhecimento apenas no domínio subjetivo restringe o escopo de estudos relativos às ações de gerenciamento à construção de ambientes favoráveis ao compartilhamento do conhecimento. Já o reconhecimento da natureza dupla do conhecimento: subjetiva e objetiva, possibilita também a realização de estudos que abarcam a gestão proposital e sistemática do conhecimento visando a realização plena do potencial do conhecimento como subsídio à tomada de decisões.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Chaim Zins realizou uma extensa pesquisa com 57 acadêmicos de destaque de 16 países distintos culminando na elaboração de quatro artigos que visavam mapear o conhecimento da CI. O segundo artigo, *Conceptual Approaches for Defining Data, Information, and Knowledge* (Zins, 2007), é dedicado ao mapeamento das principais abordagens conceituais sobre esses três importantes conceitos da área: *dados*, *informação* e *conhecimento*. Em seu artigo, o autor compila 130 definições para esses termos e ao final, identifica cinco formas ou modelos distintos de entendimento dos três termos considerando os domínios subjetivo e universal. O domínio subjetivo é aquele que existe no mundo interno do indivíduo, como um pensamento. Já o domínio universal ou objetivo, corresponde ao mundo externo, como por exemplo, livros e artigos.

O primeiro modelo, que o autor considera ser a lógica dominante na CI, entende *dado* e *informação* como fenômenos universais/externos, enquanto *conhecimento* seria um fenômeno interno, subjetivo. Nessa lógica, o *conhecimento* seria uma estrutura pessoal, cognitiva, que possibilita aos seres humanos utilizarem a informação; consiste em uma informação enriquecida pela experiência; apesar de intransferível, pode ser comunicado por meio da informação.

O segundo modelo considera apenas *dado* como fenômeno universal e externo, enquanto *informação* e *conhecimento* estão no domínio subjetivo. O



conhecimento é informação estruturada e organizada que faz parte de uma herança cognitiva do indivíduo; consiste no conjunto de informações relativamente estáveis.

O terceiro modelo considera que *dado*, *informação* e *conhecimento* podem existir no domínio universal, porém, no domínio subjetivo apenas *informação* e *conhecimento*. Nessa perspectiva, *conhecimento* refere-se tanto àquilo que se sabe, que acredita ser verdade, quanto ao saber coletivo de grupos sociais ou ainda, o que é cognoscível, ou que pode ser conhecido, por ter sido registrado de alguma forma e poder ser recuperado.

O quarto modelo considera que *dado* e *informação* estão no domínio universal e os três fenômenos, incluindo *conhecimento*, podem existir no domínio subjetivo. O *conhecimento*, nessa visão, está incorporado no ser humano, consistindo em sua capacidade de entender, explicar e negociar conceitos, ações e intenções.

Por fim, o último modelo, que é o defendido por Zins (2007), considera que os fenômenos *dado*, *informação* e *conhecimento* têm dois modos distintos de existência: no domínio subjetivo e no domínio universal. No domínio subjetivo ou interno, *conhecimento* é o conteúdo de um pensamento na mente do indivíduo, caracterizado pela crença justificável de que é verdadeiro. Já no domínio universal ou coletivo, *dados*, *informações* e *conhecimentos* são artefatos ou signos empíricos (percebidos por meio dos sentidos), podendo assumir variadas formas como palavras impressas, sons, pinturas, sinais digitais, ondas sonoras, entre outras. Nesse sentido, *conhecimento* consiste em um conjunto de signos que representam o significado ou o conteúdo de pensamentos que o indivíduo acredita, justificadamente, serem verdadeiros.

Os resultados do estudo de Zins (2007) foram considerados, de forma simplificada, como base para a categorização dos artigos recuperados na RSL.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica tendo por foco a literatura nacional e internacional sobre o termo "conhecimento" e as suas relações com a GC e a CI. Considerando o objetivo



da pesquisa, foi conduzida uma RSL que, conforme Morandi e Camargo (2015, p. 141) consiste em um estudo secundário para “mapear, encontrar, avaliar criticamente, consolidar e agregar os resultados de estudos primários relevantes acerca de uma questão ou tópico de pesquisa específico”, devendo, para tanto, seguir um método explícito, planejado.

O Quadro 1 apresenta a estrutura metodológica que foi seguida para a execução da RSL realizada com o auxílio do software *StArt*[®] (*State of the Art through Systematic Review*), ferramenta computacional gratuita desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa em Engenharia de Software (LaPES) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Optou-se pelo uso do *StArt*[®] (<https://www.lapes.ufscar.br/resources/tools-1/start-1>) por ser um instrumento específico de suporte para revisões sistemáticas, com elaboração de protocolo, indicação de critérios de inclusão e exclusão, identificação de duplicados e etapas de seleção, avaliação da qualidade e extração de dados. O protocolo criado (Quadro 1) foi desenvolvido tendo por base os critérios do software.

Não foram utilizados filtros de período de publicação para uma abrangência completa dos estudos sobre o assunto, tendo sido recuperados 52 artigos. Desses, 42% foram da *Scopus*, 31% da BRAPCI, 17% da *Web of Science* e 10% da *Emerald Journals*.

Após exclusão dos duplicados, e seleção e avaliação da qualidade, 28 artigos foram incluídos na RSL, 14 internacionais e 14 nacionais, publicados entre 2002 e 2021. Importante destacar que artigos escritos em português, mesmo quando publicados em periódicos internacionais (*Investigacion Bibliotecologica* e *Biblios*, Peru) foram considerados nacionais.

Para a sumarização dos resultados, optou-se pela síntese textual narrativa, que organiza estudos em grupos mais homogêneos, destacando o contexto, características e achados, comparando as semelhanças e diferenças entre os estudos (Barnett-Page; Thomas, 2009).

Quadro 1 - Protocolo de Revisão Sistemática da Literatura (PRSL)

Objetivo	Verificar como a literatura, no contexto da relação entre GC e CI, tem compreendido o termo <i>conhecimento</i> .
Strings genéricas	("Knowledge management" AND "Information science") ("Gestão do conhecimento" AND "Ciência da informação")
Critérios de seleção das bases	Base com ampla cobertura e inclusão de periódicos científicos selecionados para garantia de qualidade e confiabilidade dos conteúdos científicos.
Método/ pesquisa	Realização de pesquisa pelos termos de busca em Títulos.
Bases	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), <i>Emerald Journals</i> , <i>Scopus</i> e <i>Web of Science</i> .
CRITÉRIOS DE INCLUSÃO (EXCLUSÃO - não atender ao critério de inclusão)	
1.	Tipo de documento: artigo
2.	Estudo escrito nos idiomas: inglês, português ou espanhol
3.	Apresenta os termos de busca no título, resumo ou nas palavras-chave
4.	Texto integral disponível.
5.	Apresenta alta qualidade na execução do estudo
6.	Apresenta alta qualidade quanto à adequação à questão de revisão, GC
7.	Apresenta alta qualidade quanto à adequação ao foco da revisão, relação entre GC e CI
ETAPAS DE SELEÇÃO DOS ESTUDOS	
Etapa 1	Exclusão dos artigos duplicados e com <i>score</i> zero segundo o critério validado pelo StArt® (5 pontos por ocorrência dos termos de busca no título, 03 pontos por ocorrência no resumo e 02 pontos por ocorrência nas palavras-chaves).
Etapa 2	Leitura dos resumos para verificação e aplicação dos critérios (1 a 4) de inclusão/exclusão.
Etapa 3	Leitura completa com avaliação da qualidade dos estudos a partir dos critérios previamente definidos (5 a 7), tendo por base Morandi e Camargo (2015). Selecionar apenas estudos que obtiverem avaliação "alta" nas dimensões.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

O software *StArt*® também auxiliou na etapa de sumarização dos dados por possibilitar a criação de formulário personalizado para extração de dados previamente definidos, a saber: 1) perspectiva (internacional ou nacional), do tipo "*pick on list*" no software; 2) domínio do conhecimento (subjetivo e/ou objetivo), do tipo "*pick many list*" no software e, 3) unidades de contexto (trechos que caracterizam ou contextualizam os grupos identificados), do tipo "*text*" no software.

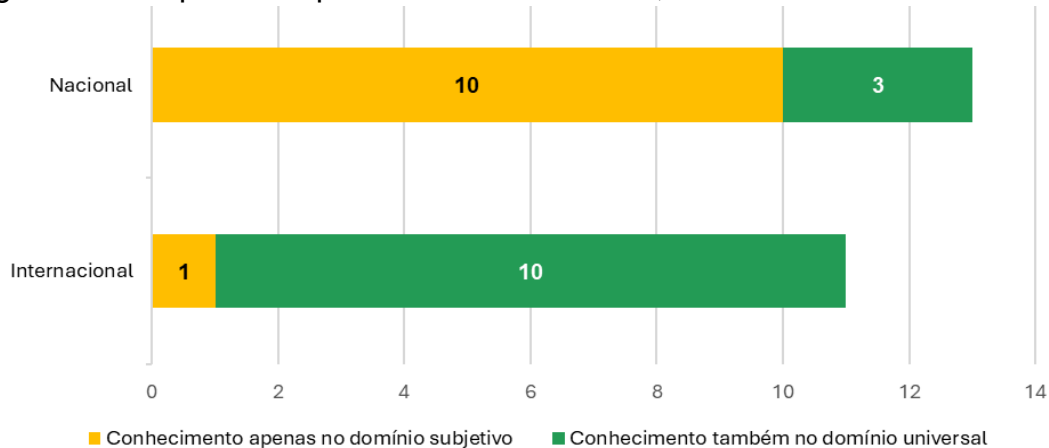
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os artigos foram agrupados tanto em relação à perspectiva nacional e internacional, quanto de acordo com o foco das concepções quanto ao fenômeno 'conhecimento': 1) Conhecimento apenas no domínio subjetivo (na mente das pessoas); 2) Conhecimento também no domínio universal (podendo ser um artefato ou signo empírico).



Conforme Figura 1, no contexto da relação entre GC e CI, apesar de não ser a visão nacional dominante, prepondera a perspectiva do ‘conhecimento’ também no domínio universal. Os artigos escritos exatamente pelos mesmos autores foram unificados na contagem.

Figura 1 - Perspectivas quanto ao conhecimento, visão nacional e internacional



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

A seguir, mais detalhes sobre cada perspectiva.

4.1 Conhecimento apenas no domínio subjetivo

Day (2005) segue a linha de pensamento que considera o conhecimento tácito simplesmente como *conhecimento*; enquanto o conhecimento explícito seria entendido como *informação*, ressaltando que o conhecimento tácito, ou apenas *conhecimento*, é imprescindível para fundamentar qualquer conhecimento explícito ou *informação*. Nesse sentido, o autor questiona o que denomina de tentativa da GC de discutir uma *economia do conhecimento* distinta de uma *economia da informação*.

Para Almeida e Duarte (2011) as pessoas são as detentoras do conhecimento e *informação* é o conjunto de dados organizados que produzem inferências lógicas; “informações distribuídas como um todo, quando compartilhadas adquirem forma e geram novos conhecimentos” (Almeida; Duarte, 2011, p. 40).

De acordo com Duarte (2011), a GC tem foco restrito naquilo que não está explicitado, ou seja, no capital intelectual. “De forma mais abrangente, a informação



pode ser entendida como a materialização do conhecimento, independente do suporte que esteja representada” (Duarte *et al.*, 2020, p. 179).

Em outro artigo, para Duarte *et al.* (2019), a *informação* é apresentada como dados com significado, contexto e entendimento dos padrões e relações com outros dados, e *conhecimento*, como informação acrescida de experiência e valores pessoais, consistindo em crenças, compromissos e suposições. De forma semelhante, Bem e Coelho (2013, p. 79) apresentam a *informação* como matéria-prima para a construção de *conhecimento*, “enquanto o conhecimento está relacionado com os valores organizacionais, crenças e ações”.

O *conhecimento* é entendido por Bettencourt e Cianconi (2012) como um processo dinâmico e cumulativo diretamente relacionado às experiências que são internalizadas por um indivíduo. Nesse sentido, para as autoras, enquanto a representação da *informação* pode ser gerenciada, mensurada e controlada, não é possível gerir o *conhecimento* no sentido real dos termos *gestão* e *conhecimento*. As autoras afirmam que o *conhecimento* existe apenas na mente das pessoas e, nesse contexto, o papel da GC é promover ambientes colaborativos e estimular o compartilhamento de conhecimentos e a motivação das pessoas envolvidas.

Nessa linha, Duarte e Casimiro (2020, p. 122) compreendem a GC como “uma ferramenta empregada para criar ambientes favoráveis à interação de pessoas que têm assuntos em comum, com o intuito de que esse relacionamento socialize e externalize novos conhecimentos acerca dos argumentos abordados”.

Como conclui Lira *et al.* (2020, p. 92), a GC “visa promover os ambientes organizacionais para haver o compartilhamento de conhecimentos e experiências dos sujeitos que os compõem”. Concepção análoga é apresentada por Duarte, Feitoza e Lima (2020, p. 167) ao distinguir GI e GC:

[...] a gestão do conhecimento busca estimular uma cultura de colaboração entre pessoas, potencializando a criação de um ambiente (físico ou virtual) favorável ao compartilhamento e criação do conhecimento em múltiplos ambientes organizacionais, entre outros espaços (Duarte; Feitoza; Lima, 2020, p. 167).

Silva e Pinho Neto (2016) também fizeram distinção entre práticas de GC e práticas de GI, à semelhança da dualidade tácito/explicito. Para os autores, enquanto as práticas de GC estão relacionadas à criação e compartilhamento do



conhecimento tácito e sua aplicação na inovação dos processos, produtos e/ou serviços; as práticas de GI é que envolvem ações de explicitação, arquivamento e disseminação do que é explicitado.

4.2 Conhecimento também no domínio universal

Apesar de Na-Lamphun e Lee (2002) considerarem que, enquanto a informação pode ser visível e facilmente transferível, o conhecimento é invisível e sua transferência somente pode dar-se por meio da aprendizagem; os autores também afirmam que apenas parte do conhecimento reside na mente das pessoas. Nesse sentido, a GC, para os autores, é muito mais do que gestão de informações e dados, devendo antes, identificar o conhecimento útil e relevante, organizar, mesclar e sintetizar o conhecimento, transformar o conhecimento tácito em conhecimento explícito e estimular o seu uso.

Para Roknuzzaman e Umemoto (2008), na GC, o conhecimento a ser gerenciado envolve tanto o conhecimento explícito ou documentado/codificado, quanto o conhecimento subjetivo ou tácito e, nesse sentido, está relacionado tanto à gestão de um ambiente que incentive a criação, compartilhamento e aprendizado de novos conhecimentos, quanto uma abordagem integrada que possibilite a captura, organização, acesso e uso de ativos de informação. Os autores definem *conhecimento* como mais do que um agregado de informações, sendo antes, mais significativo, inteligível e utilizável do que a informação.

Kebede (2010) afirma que o conhecimento existe tanto na forma não registrada ou tácita (na mente dos seres humanos), como na forma registrada, explícita ou objetiva. Deve ser visto, portanto, não apenas como subjetivo (residindo na mente do indivíduo), mas, também como objetivo (podendo assumir formas físicas) e, ainda, como social (sendo socialmente construído ou resultado da interação social). Para o autor, o *conhecimento* consiste na manifestação de ordem superior da *informação*, incluindo tanto dados quanto informações. O autor aponta dimensões de qualidade que são galgadas à medida que se avança de *dados* para *informação* e da *informação* para o *conhecimento*, incluindo: nível de valor adicionado, complexidade, abstração, integração, organização, conectividade,



importância, significância, aplicabilidade, contextualização, aprendizagem e compreensão. Trata-se de uma progressão lógica, na visão do autor.

Apesar de afirmar que o foco principal da GC está no conhecimento tácito (*know-how*, habilidades e experiências), Husain e Nazim (2015) concordam que GC envolve também a gestão do conhecimento registrado (explícito, codificado em documentos). Nesse sentido, compreendem o *conhecimento* como sendo informação combinada com experiência, contexto, interpretação e reflexão. Sendo originado na mente do conhecedor, o conhecimento pode permanecer confinado (tácito) ou pode ser expresso na forma de conhecimento explícito.

Ahmad, Jianming e Rafi (2019) adotam a definição da GC como um processo sistemático de criação, aquisição, organização e disseminação do conhecimento em repositórios de conhecimento dentro da organização, o que inclui tanto a natureza tácita do conhecimento, como explícita. Em nota, Souza, Dias e Nassif (2011, p. 58) esclarecem que:

No momento em que o processo de conhecer se constrói na relação mente-mundo, há uma série de elementos exteriores componentes desse processo, passível de manipulação e, portanto, de gerenciamento, uma vez que ele é contextual e relacional.

Conforme Costa e Leite (2018, p. 236), críticos da GC consideram que o *conhecimento*, “uma vez registrado ou passível de ser registrado, é *informação*”. Contudo, os autores concordam que entender o conhecimento registrado ou explícito como informação desconsidera os vários tipos de informação e de conhecimento que podem ser criados, utilizados e transferidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira perspectiva discutida, *conhecimento* é compreendido como um fenômeno que existe apenas no domínio subjetivo. Na segunda perspectiva, *conhecimento* é reconhecido tanto do domínio subjetivo, como no domínio objetivo. Ambas oferecem características importantes da natureza subjetiva do conhecimento. Nesse ponto, não parece haver divergências entre as duas perspectivas. O conflito está em reconhecer a natureza objetiva do *conhecimento*. Por que, no domínio



objetivo, parece mais natural e simples compreender a distinção entre *dado* e *informação*?


Ambos, *dado* e *informação*, no domínio universal (objetivo), são comumente entendidos como possíveis de serem consolidados em um tipo de suporte físico. A diferença estaria no fato de que a *informação* ofereceria significado e contexto a um conjunto de *dados*. A *informação* permite o entendimento de padrões e relação entre diferentes dados (Duarte *et al.*, 2019). Assim, uma planilha pode ser formada por um conjunto enorme de dados isolados. A organização e estruturação desses dados é que fornecerá significado e contexto transformando esses *dados* em *informação*. Aqui, a *informação* é facilmente percebida como sendo formada por uma soma de dados, significado, relação entre diferentes dados e contexto.

Agora, quando um conjunto de *informações* é organizado e estruturado resultando em uma construção mais complexa de análise, inferências e aplicações, demonstrando a relação entre diferentes *informações* com contextualização e de forma justificada, de forma análoga ao que acontece no entendimento da relação entre *dados* e *informação*, não seria possível denominar essa nova construção, mesmo no domínio universal (objetivo), de *conhecimento*? Essa é a defesa da segunda perspectiva, predominante no contexto da relação entre GC e CI, apesar de não ser a visão nacional preeminente.

Uma das limitações deste estudo foi o escopo restrito ao contexto da GC e CI. Estudos futuros podem ampliar essa busca para a concepção geral da natureza do “conhecimento” no contexto da CI, abarcando outras temáticas tão relevantes para a área como a OC. Além disso, outras análises podem ser feitas, a exemplo da inclusão da variável tempo, observando se há evolução ou alteração das concepções ao longo do tempo e identificando tendências.

REFERÊNCIAS

AHMAD, K. JIANMING, Z.; RAFI, M. Assessing the literature of knowledge management (KM) in the field of library and information science. **Information Discovery and Delivery**, [s. l.], v. 47, n. 1, p. 35–41, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/IDD-06-2018-0021/full/html>. Acesso em: 14 abr. 2023.



ALMEIDA, J. L. S.; DUARTE, E. N. Evolução e tendências das pesquisas em gestão do conhecimento no campo da ciência da informação. **Biblionline**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 35–51, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/16506>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BARNETT-PAGE, E.; THOMAS, J. Methods for the synthesis of qualitative research: a critical review. **BMC Medical Research Methodology**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 59, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1471-2288-9-59>. Acesso em: 17 out. 2022.

BEM, R. M.; COELHO, C. C. S. R. Aplicações da gestão do conhecimento na área de biblioteconomia e ciência da informação: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Information Science**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 69–97, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/2987>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BETTENCOURT, M. P. L.; CIANCONI, R. B. Gestão do conhecimento: um olhar sob a perspectiva da ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 1–20, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119419>. Acesso em: 21 jun. 2023.


COSTA, S. M. S.; LEITE, F. C. L. Theoretical overlaps between communication and information and knowledge management in Information Science. **Investigacion Bibliotecologica**, [s. l.], v. 32, n. 74, p. 225–249, 2018. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/57923/0>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DANTE, G. P. Knowledge management from the perspective of information sciences: Responsibilities and opportunities. **Revista Cubana de Informacion en Ciencias de la Salud**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 206–216, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0268401210000290>. Acesso em: 14 abr. 2023.

DAY, R. E. Clearing up “implicit knowledge”: Implications for knowledge management, information science, psychology, and social epistemology. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 56, n. 6, p. 630–635, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.20153>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DUARTE, E. N. *et al.* Caracterização da disciplina gestão da informação e do conhecimento como eixo temático dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 206–2016, 2019. Disponível em: <https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/46445>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DUARTE, E. N. Conexões Temáticas em Gestão da Informação e do Conhecimento no Campo da Ciência da Informação: proposta de redes humanas. **Informação & Sociedade: Estudos**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 159–173, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/9640/5605>. Acesso em: 21 jun. 2023.



DUARTE, E. N. *et al.* Conteúdos emergentes da gestão da informação e do conhecimento nos cursos de pós-graduação em ciência da informação no Brasil.

Perspectivas em Gestão & Conhecimento, [s. l.], v. 10, n. número especial, p. 176–200, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/49596>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DUARTE, E. N.; CASIMIRO, A. H. T. Gestão por Competências, Gestão do Conhecimento e Ciência da Informação: diálogos possíveis. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 49, n. 2, p. 117–137, 2020. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/149765>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DUARTE, E. N.; FEITOZA, R. A. B.; LIMA, A. R. P. Tendências inovadoras da Gestão da Informação e do Conhecimento na produção científica da Ciência da Informação.

Revista P2P e INOVAÇÃO, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 166–185, 2020. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5404>. Acesso em: 21 jun. 2023.

HUSAIN, S.; NAZIM, M. Exploring the need of knowledge management education within library and information science educational courses: An Indian perspective.

New Library World, [s. l.], v. 116, n. 11–12, p. 711–727, 2015. Disponível em:

<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/NLW-07-2015-0051/full/html>.

Acesso em: 21 jun. 2023.

KEBEDE, G. Knowledge management: An information science perspective.

International Journal of Information Management, [s. l.], v. 30, n. 5, p. 416–424, 2010. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0268401210000290>. Acesso em: 21 jun. 2023.

LIRA, S. L. *et al.* Gestão do conhecimento e comunidade de prática na ciência da informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [s. l.], v. 10, n. número especial, p. 88–107, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/49611>. Acesso em: 21 jun. 2023.

MORANDI, M. I. W. M.; CAMARGO, L. F. R. Revisão sistemática da literatura. *In*: DRESCH, Aline; LACERDA, Daniel Pacheco; ANTUNES JÚNIOR, José Antonio Valle. **Design science research: método de pesquisa paravanço da ciência e tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2015. p. 141–172.

NA-LAMPUN, R.; LEE, H.-W. Focusing on Information and Knowledge Management: Redesigning the graduate program of library and information science at Chiang Mai University. **Information Development**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 47–60, 2002. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0266666024241087>. Acesso em: 21 jun. 2023.

OYEDOKUN, T. T.; OYEWUMI, F. A.; LAARO, M. D. Perception and attitude of library and information science professionals towards knowledge management: A survey of certified librarians in Nigeria. **Library Philosophy and Practice**, [s. l.], v. 1, n. 1, p.



1–24, 2018. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1791/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

ROKNUZZAMAN, M.; UMEMOTO, K.. Knowledge management's relevance to library and information science: An interdisciplinary approach. **Journal of Information and Knowledge Management**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 279–290, 2008. Disponível em: <https://worldscientific.com/doi/abs/10.1142/S0219649208002147>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SILVA, N. B. X.; PINHO NETO, J. A. S. A contribuição da Ciência da Informação para a Gestão do Conhecimento: um estudo teórico e prático. **Biblios (Peru)**, [s. l.], v. 0, n. 62, p. 76–88, 2016. Disponível em: <https://doaj.org/article/db279769751b44cb883341c936eb613b>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W.; NASSIF, M. E. A gestão da informação e do conhecimento na Ciência da Informação: perspectivas teóricas e práticas organizacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 55–70, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/4039>. Acesso em: 21 jun. 2023.

TAKEUCHI, H; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. tradução: Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, 2008. Disponível em: Acesso em: 14 set. 2022.

ZINS, C. Conceptual approaches for defining data, information, and knowledge. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 58, n. 4, p. 479–493, 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.20508>. Acesso em: 16 jun. 2023.